ESBÔÇO HISTÓRICO SÔBRE A PROVÍNCIA DO CEARÁ

P. THÉBERGE (*)

CAPÍTULO I

DOS ÍNDIOS QUE HABITAVAM O CEARÁ; SEUS USOS E COSTUMES

Na ocasião da chegada dos Europeus às praias do Ceará, notou-se um fato observado em tôda a extensão das Américas: que o país era habitado por duas raças de índios (I), a saber: uns chamados *Tapuias*, que foram os antigos habitadores dêste continente.

Êles falavam inumeráveis dialetos, todos diferentes uns dos outros e por êste motivo eram também denominados *Índios de língua travada*. (II)

(*) O Dr. Pedro Théberge escreveu o seu **Esbôço Histórico Sôbre a Província do Ceará**, sendo publicado em 1864 o 1.º volume, por seu filho Henrique Théberge. O Instituto do Ceará, um século depois, incumbiu seu sócio efetivo Mozart Soriano Aderaldo de anotar a obra de Pedro Théberge, que se tornou raridade bibliográfica, para uma segunda edição comemorativa do centenário de seu aparecimnto. Dêsse trabalho vai divulgado o 1.º capítulo neste número da **R.I.C.**, correspondente ao ano de 1969. — **N. R.**

(I) A expressão "duas raças" é condenada pelos estudiosos do assunto. Certo seria dizer "dois tipos". Sôbre a dualidade de silvícolas que senhoreavam o Ceará ao tempo de seu descobrimento e ocupação pelos colonos portuguêses, consulte-se **Os Aborígines do Ceará**, de Carlos Studart Filho. Ter-se-á uma idéia das diferenças biotipológicas que os distinguiam. **M.S.A.**

(II) Não é porque os tapuias falassem "inúmeros dialetos" que se diz terem sido êles "índios de língua travada", mas porque o seu modo de falar diferia muito da língua geral ou tupi. "Travada" quer dizer "entrelaçada, prêsa, peada, difícil de entender, embrulhada". Essas línguas tapuias em geral assim eram ou pareceram ser aos que as ouviam, ao contrário do tupi, com que se tinham habituado os colonizadores, ainda porque a língua geral era de uma suavidade fonética muito grande. — **M. S. A.**

Os outros invadiram o país numa época indeterminada, mas que não parece muito remota, pois ainda se achou tradição dêste acontecimento entre aquêles que existiam na ocasião da descoberta.

Êles são denominados *Tupis*, e falavam todos a mesma língua, com leves diferenças: por isto são chamados *Índios da língua Geral*.

A questão desta invasão, infinitamente obscura, por falta de documentos, e de tradição, ocupará ainda muito tempo os antiquários e historiadores, enquanto não se conseguir decifrar o sentido das numerosas inscrições que se acham gravadas sôbre diversas pedras, que ainda as conservam perfeitas; inscrições estas que devem se referir a fatos notáveis da vida e história dêstes povos. (III)

Alguns filólogos acham uma grande analogia entre a língua Túpica e a Egipciaca dos tempos antigos; e daí partem para supor que a raça Túpica poderia bem proceder de alguma colônia de Egípcios, ou Fenícios, que, vindo de arribada a algum ponto da América ocidental, se teriam nêle estabelecido, naquelas eras remotas, e, depois de grande e rápida multiplicação, teriam invadido o resto do continente.

Procuram com ansiedade determinar o tipo de sua escrita, porque, se nela achassem o caráter cuneiforme, teriam a favor de sua opinião um forte argumento de mais, e que adquiriria tanto mais fôrça quanto já é exuberantemente reconhecido que o estilo arquitetural dêstes povos tem a maior analogia com o do antigo Egito, como se observa nos monumentos encontrados no México, e em outras partes da América.

Deixarei a solução desta grave questão às lucubrações dos arqueólogos, limitando-me apenas a fazer dela menção, e a mostrar que no Ceará também se observou o mesmo que nas outras partes do Brasil, e da América. (IV)

Esta advertência servirá também para a inteligência do texto desta obra, no qual nunca empregaremos o têrmo *Tapuia*, senão como sinônimo de *índio de língua travada, ou raça vencida*.

No Ceará predominava a raça Tapuia, que ocupava quase tôda a sua superfície, à exceção da Serra da Ibiapaba, das imediações do

---

III — Ver a propósito a excelente obra de Thomaz Pompeu Sobrinho, especialmente os estudos intitulados "Algumas Inscrições Rupestres Inéditas no Estado do Ceará" (in Revista do Instituto do Ceará, Tomo LXX, 1956, págs. 115 a 126); "As Migrações Paleolíticas e as Inscrigões Rupestres da América" (in Revista do Instituto do Ceará, Tomo LXIX, 1955, págs. 5 a 20); e "Os Litóglifos da Pedra do Oratório e uma Hipótese Relativa às Origens das Inscrições Rupestres" (in Revista do Instituto do Ceará, Tomo LXVIII, 1954, págs. 5 a 30.) Consulte-se ainda, Luciano Jacques de Morais, "Inscrições Rupestres no Brasil", Publ. 64, série I.D. da T. F. da OCS, Rio, 1924; Alfredo de Carvalho, "Pré-história Sul-americana", Recife, 1920; e Carlos Studart Filho, "A propósito de uma petrografia encontrada na fazenda do Mucambo em Itapipoca" (in Revista do Instituto do Ceará, Tomo XXXIX, 1925, págs. 164 a 171). — M. S. A.

IV — Quem melhor tratou do assunto, entre nós, foi ainda Thomaz Pompeu Sobrinho, especialmente em sua obra "Pré-história Cearense" (in Revista do Instituto do Ceará, Tomo LXVI, 1952, págs. 36 a 181), depois publicada em livro (Editôra Instituto do Ceará, Fortaleza, 1955). — M. S. A.

litoral, perto do lugar onde se acha hoje a Capital, do Vale do Jaguaribe, e do riacho dos Porcos, onde se encontravam algumas tribos da raça Túpica, e da nação Caetés e Pitaguaras. (V)

Estas duas raças dedicavam-se mùtuamente um ódio execrando, e viviam em guerras continuadas e encarniçadas, tendentes à destruição completa de uma delas.

Cada raça se dividia em nações e estas em tribos; cada tribo tinha seu chefe; e o Maioral de uma nação tinha algumas vêzes muitas tribos da mesma raça debaixo de sua dependência, assim como também tribos de Tapuias aliadas ou vencidas.

O Maioral dos Tabajaras da Ibiapaba tinha o mando sôbre diversas tribos da sua raça, e sôbre outras de Tapuias, que viviam ao redor daqueles.

Os Tapuias viviam muito isolados, em tribos distintas e independentes umas das outras, fazendo-se a guerra entre si, e sempre aos Tupis, contra os quais ligavam-se às vêzes muitas tribos Tapuias.

Desta inimizade incessante veio o nome de *Tapuia* que em língua Tupi quer dizer *contrário* ou *inimigo.*

As nações e as tribos tinham cada uma o seu nome próprio: por isso êstes nomes têm causado na nomenclatura e divisão dos índios uma confusão dificílima de esclarecer, pelo emprêgo dos nomes das tribos para determinar as nações, e reciprocamente.

Outra origem de confusão é a diferença de ortografia adaptada pelos diversos autores que têm escrito sôbre os índios.

Também, sua vida nômade, sua retirada para o interior do país e o aparecimento de outros que fugiam à vista dos Europeus do Ceará, e de outras partes, vieram aumentar o caos que já existia. (VI)

Não temos remédio senão relatar o que nos comunicaram os cronistas da época da descoberta, e retificar do melhor modo que nos fôr possivel a confusão desta nomenclatura primitiva, utilizando-nos dos documentos subseqüentes, que podemos adquirir.

A razão da predominância dos Tapuias no Ceará, e outras regiões circunvizinhas, explica-se bem.

Lançados fora de suas terras pelos invasores vindos do poente, procuravam as regiões sêcas e áridas dos sertões do Ceará, Piauí, Rio Grande do Norte etc., onde deveram o não serem mais perseguidos à esterilidade natural do país.

Estas tribos distinguiam-se por suas belas formas, e por uma mansidão característica, visto que não comiam seus cativos; o que faziam aos seus próprios mortos, como última prova d'amizade.

As tribos que vamos citar eram compostas de estrênuos guerrei-

---

V — Engano do Dr. Pedro Théberge pois o vale do Jaguaribe era todo ocupado por tapuias, inclusive os Cariris, que eram considerados tapuias no tempo em que Théberge escreveu sua obra. — M. S. A.

VI — O principal motivo da confusão decorreu do fato de que as tribos tapuias tinham seus nomes expressos em suas próprias línguas, mas os primitivos cronistas, em geral, não conheciam êsses nomes e davam às tribos tapuias designações tupis inventadas por seus "cicerones", que eram os índios tupis. — M.S.A.

ros que viviam nômades; entre elas, todavia, algumas tinham estabelecimentos permanentes, e até mesmo exercitavam a agricultura.

As principais tribos encontradas pelos primeiros descobridores do Ceará foram as seguintes:

Os *Tabajaras* da serra da Ibiapaba, nação que tinha grande número de tribos; eram de raça Tupi, e tinham por chefe *Taguaibunuçu (grande fantasma prêto)*, que o padre Vieira traduz por *grande demônio*. Eram valorosos guerreiros, e praticavam a antropofagia, não obstante se aplicarem à cultura do milho e da mandioca.

Traziam debaixo de sua sujeição as seguintes tribos Tapuias: os *Tucurijus*, que assassinaram ao pé do altar o primeiro Missionário que para lá foi, o padre Francisco Pinto; os *Curutis* que, como os precedentes, moravam na chapada da serra; os *Camamus*, os *Anacés*, e os *Acriús* que habitavam diversos pontos da bacia do rio *Acaracu*.

Todos êstes índios foram aldeados e catequizados pelos Jesuítas do Maranhão, de 1650 em diante, nas aldeias situadas onde existem hoje os povoados de Vila Viçosa, São Pedro da Ibiapaba, e São Benedito.

Os *Tremembés*, grande nação Tapuia (VII) que ocupava o terreno situado entre a Serra-Grande e o mar, desde o rio Acaracu até o Paraguaçu (Parnaíba). Tinha por chefe *Juripariguaçu* (VIII) que na língua dêles parece também significar *grande diabo*. Foram aldeados no fim do século 17.º pelos Jesuitas, e depois transferidos para Almofala.

Os *Parangabas*, (IX) nação Tupi, que Moreno encontrou nas vizinhanças do Presídio que estabeleceu, e que reduziu a se aldear

---

VII — Os Tremembés, a princípio considerados tapuias ou jês, passaram depois a constituir um grupo à parte na classificação de vários etnógrafos. Hoje, em virtude do trabalho de Stig Rydén "Machados-âncora brasileiros", traduzido por Osvaldo Riedel para a **Revista do Instituto do Ceará** (Tomo LXXX, 1966, págs. 67 a 98), devem êles ser definitivamnete reintegrados no grupo jê. — M.S.A.

VIII — **Juripariguaçu, Jurupariaçu** ou **Jurupariguaçu** não poderia ter sido chefe dos Tremembés. A isso se opõe o nome, francamente tupi, e o fato de ter sido um dos maiorais que comandaram a resistência oposta pelos Tabajaras à bandeira de Pero Coelho. — M.S.A.

IX — Não havia índios Parangabas, Parnamirins, Paupinas, Baturités etc., como relaciona o autor. O assunto se acha esclarecido por Thomaz Pompeu Sobrinhi em eruditos estudos publicados nas páginas da **Revista do Instituto do Ceará**, especialmente "Os tapuias do Nordeste e a Monografia de Elias Herckeman" (in **Revista do Instituto do Ceará**, Tomo XLVIII, 1934, págs. 7 a 28) e "Tapuias do Nordeste" (in **R.I.C.**, Tomo LIII, 1939, págs. 221 a 235). Cuidou, igualmente, do assunto, com a autoridade que todos lhe reconhecem o Dr. Carlos Studart Filho em exaustivo estudo intitulado "Os aborígines do Ceará" (in **R.I.C.**, Tomo LXXVI, 1962, págs. 5 a 73, e Tomo LXVII, 1963, págs. 153 a 217), "Notas Históricas Sôbre os Indígenas Cearenses" (in **R.I.C.** Tomo XLV, 1931, págs. 53 a 103) e "As Tribos Indígenas do Ceará" (in **R.I.C.**, Tomo XL, 1926, págs. 39 a 54). — M. S. A.

perto da lagoa dêste nome, hoje lagoa de Arronches; (X) também tinha debaixo de sua dependência, a título de aliadas, as tribos Tapuias *Guanacés* e *Jaguaruanas*, que habitavam perto do litoral, entre o rio Curu e o Acaracu, (XI) perto da Serra da Uruburetama. Foram também catequizados e aldeados pelos Jesuítas.

Os *Parnamirins* e os Paupinas eram outras tribos da língua Geral, que se aldearam em Messejana, e foram educados pelos Jesuítas. Foi esta aldeia, cujo chefe se denominava *Algodão*, que o primeiro Governador do Maranhão foi visitar na sua passagem pelo Ceará. Foram êles que ajudaram os holandeses a tomar o Presídio do Ceará. Êstes índios habitavam o litoral, desde Messejana até ao Pirangi.

Os *Caucaias*, também da língua Geral, residiam perto daí, visto que foram aldeados na Missão do Caucaia, hoje Soure; (XII) mas, nada pude adquirir que lhes dissesse respeito.

Os *Pitaguaras* formavam diversas tribos no vale do baixo Jaguaribe; foram êles quem lançaram fora do seu estabelecimento do Jaguaribe o aventureiro Pedro Coelho, em 1604. Uma destas tribos (tôdas da raça Tupi): a dos Paianis foi a que opôs grande resistência durante muito tempo aos progressos da colonização pelas margens do Jaguaribe, e despertou medidas de rigor da Junta das Missões.

Os *Canindés*, de raça Tapuia, ocupavam as vertentes do rio Curu, ao poente da serra de Baturité, e foram com os *Quixolôs* e *Baturités* reunidos em Missão pelos Jesuítas no lugar que ainda hoje conserva seu nome.

Os *Paiacus*, Índios que julgo da língua Geral, residiam entre os rios Pirangi e Choró, ao nascente da serra de Baturité; foram reunidos em Missão por Padres seculares, e ao depois educados pelos Jesuítas, e aldeados em *Monte-mor-Velho*. (XIII) O que me leva a pensar que são Tupis é o fato de terem sido reunidos aos índios de Portalegre, que eram Pitaguaras, e ulteriormente restituídos à sua antiga Missão de Monte-mor-Velho. Todavia, o visitador Saldanha afirma que eram da língua travada. (XIV)

Os *Genipapos* e *Baturités* eram Tapuias que ocupavam a chapada da Serra de Baturité, e os sertões ao sul dela.

Encontro nas crônicas os nomes de diversas tribos, sôbre as quais

---

X — Depois Porangaba, corruptela do primitivo nome, talvez por influência do romance Iracema de José de Alencar, e hoje novamente Parangaba, a partir de 1.º de janeiro de 1944, por fôrça do Decreto-lei estadual n.º 1 114, de 30-12-1943. — M. S. A.

XI — Depois Acaraú, por eufonia. — M. S. A.

XII — Hoje novamente Caucaia, por fôrça do Decreto-lei n.º 1 114, citado. — M. S. A.

XIII — Atualmente Pacajus (Decreto-lei n.º 1 114 referido), depois de ter sido Guarani. — M. S. A.

XIV — Os Paiacus eram, de fato, tapuias e não tupis. Os missionários reuniam numa mesma missão não sòmente tapuias de falas diferentes, como também tupis e tapuias diversos. — M. S. A.

não pude obter noção alguma; por isto, copiarei o que encontrei nos autores à seu respeito.

Citam-se os *Guaios*, que envenenavam suas flechas; os *Jaburus, Apuiarés*, que viviam sempre errantes, e não tinham outra arma senão massas; os *Paliés*, que andavam cobertos com uma túnica, e falavam uma língua diferente das outras; os *Quexarás*, que ocupavam o interior da província; os *Mandavés* e *Naporás*, que cultivavam a terra; os *Campéus*, que não comiam carne humana, mas cortavam a cabeça aos inimigos, e traziam seus troféus na cinta; os *Aquigiros*, verdadeiros pigmeus, mas mui valorosos. (XV).

Além destas tribos, muitas outras viviam no interior, as quais nunca foram bem conhecidas pelos colonos, porque ao passo que a colonização fazia progressos, elas mais se internavam no país.

Um século depois da descoberta do Ceará, quando já os colonos se haviam estabelecido nas extremas meridionais do interior, a confinar com Pernambuco, Paraíba e Piauí, encontraram-se os povoadores do centro desta província com as seguintes tribos:

Os *Icós*, grande e numerosa tribo que habitava as serranias situadas entre o rio Salgado e o rio do Peixe; foram atraídos par Missão de Portalegre, no Rio Grande do Norte, onde foram aldeados. Eram de raça Tapuia.

Os *Icòzinhos*, tribo Tapuia que habitava perto do sítio aonde se acha hoje a cidade do Icó.

Os *Calabaças*, outra tribo de língua travada, vivendo nas margens do rio Salgado, onde se acha hoje a vila de *Lavras*.

Os *Chocós*, da raça Tupi, que vagavam no vale do Riacho dos Porcos, e no pé da Serra do Araripe. (XVI)

Os *Quipipaus*, tribo feroz que também freqüentava as mesmas paragens.

Os *Cariris* habitavam o território que lhes tomou o nome; foram aldeados por carmelitas em Missão Velha e Nova, na Salamanca. hoje Barbalha, no Miranda, hoje Crato. Eram Tapuias, como todos os que seguem.

Os *Cariús* estendiam-se pelo vale do riacho dêste nome, e do rio Bastiões. Eram inimigos dos Cariris, a quem disputavam o respectivo território.

Os *Jucás* ocupavam as margens do riacho dêste nome; eram mui guerreiros, e gostavam da guerra para terem ocasião de espolir os brancos que caíam na peleja, quer fôssem do seu, quer do partido contrário.

Estas três últimas foram reunidas em 1761, para povoarem a Vila nova do Crato.

XV — O Dr. Pedro Théberge, ao relacionar as tribos indígenas, refere-se a algumas que nem viveram no Ceará, com a dos Campéus (talvez Cambebas ou Cambevas), que eram do Alto-Amazonas etc. Encaminho o leitor atual para os mencionados estudos de Pompeu Sobrinho e Carlos Studart Filho sôbre o assunto. — M. S. A.

XVI — Os Chocós eram tapuias. — M. S. A.

Todos os seguintes eram também Tapuias.

Os *Quixolôs* entregavam-se com paixão às rapinas. Deixaram-se aldear com facilidade na Missão da Telha; (XVII) mas, com a mesma facilidade, abandonavam-na para irem pilhar e roubar. Já disse que foram reunidos aos Canindés e Baturités, para povoarem a vila de Monte-mor-Nôvo.

Os *Inhamuns* habitavam nas margens do Jaguaribe, entre os Quixolôs e os Jucás; foram aldeados em São Mateus por frades carmelitas. A sua estada entre os Montes e os Feitosas foi causa de serem completamente destruídos na guerra que se fizeram estas duas familias, nos princípios do século 18.º.

Estas foram as tribos mais conhecidas e cujos nomes encontrei nos diversos documentos que consultei. Tôdas elas desapareceram completamente, ou pela perseguição dos invasores, ou pelos efeitos de nossa civilização que não convinha à sua natureza, ou enfim pelas moléstias epidêmicas que lhes trouxemos da Europa, como a bexiga, o sarampo, e outras que os dizimou repetidas vêzes. (XVIII)

Estas diferentes tribos viviam isoladas umas das outras; algumas vêzes, porém, aliavam-se com as vizinhas, outras vêzes constituíam-se suas inimigas encarniçadas; com estas então entretinham guerras continuadas, ao passo que com suas aliadas eram fiéis.

Se os índios do Ceará tinham idéias religiosas, eram estas mui curtas e confusas, e não se manifestavam por demonstração alguma de culto exterior. Todavia tinham propensão para aceitar as que se lhes ensinava. Quando os Missionários os queriam levar para as aldeias respondiam: *Para que nos levar para outras terras?... Estas onde estamos não são também d'El-Rei? Se é para nos fazer cristãos e filhos de Deus, êle não está em tôda a parte?...* Aceitavam com facilidade o que se lhes ensinava, e com a mesma facilidade o esqueciam.

Seus *Pajés*, espécie de sacerdotes, ao mesmo tempo feiticeiros e curandeiros, gozavam de muita confiança entre êles. Os mais espertos tinham torcido o cristianismo a seu jeito, e anunciavam que do mesmo modo que Deus havia encarnado em uma mulher branca, havia também de um dia se encarnar no ventre de uma índia, e então esta raça regenerada havia de prevalecer aos brancos, e lançá-los para fora de seus domínios.

Persuadiam-se de que no centro da terra existiam aldeias, para onde iam seus mortos viver na abundância e no descanso: espécie de repetição da fábula dos Campos Elísios dos Pagãos Europeus.

Êles não tinham idéia alguma de propriedade territorial; viviam numa espécie de comunidade de bens, a tal ponto que aceitavam sem repugnância alguma a idéia de serem as terras do Brasil propriedade d'El-Rei.

XVII — Hoje Iguatu. — M. S. A.

XVIII — Foi, também, responsável por isso o recruzamento com os adventícios (portuguêses e negros). — M. S. A.

A sua moral era muito simples. Tomavam o seu alimento onde quer que o encontravam enquanto outra tribo mais forte não os vinha expulsar do lugar onde os achavam. Também a idéia de pátria não predominava entre êles, pois que deixavam sem pesar o lugar onde não achavam mais com facilidade o seu sustento, e, nesta ocasião, queimavam todos os utensílios do seu uso, exceto as armas.

Suas mulheres quando solteiras eram pouco observadoras da honestidade, a pouco que os pais as entregavam aos estranhos que iam viver entre êles; porém depois de casadas eram fiéis a seus maridos, e mesmo o adultério era tido por uma grande falta.

Êles, em geral, eram susceptíveis de criar amizade, e nela eram muito fiéis, mas ao mesmo tempo muito desconfiados; qualquer suspeita, mesmo infundada, os levava a excessos terríveis.

Praticavam religiosamente a hospitalidade.

Suas armas mais usuais eram arcos de madeira duríssima, com cordas de diversas substâncias fibrosas, como algodão, crauá e ticum, (XIX) espécie de fibras que sabiam extrair da fôlha da carnaúba. As frechas de que se serviam eram feitas de cana silvestre, armadas duma ponta mui aguçada de zagaia feita de madeira rija, e guarnecidas de dentes entalhados, ora de um só lado, ora de ambos, sucedendo que às vêzes guarneciam-nas de ossos, de espinhas de certos peixes, e em seguida de lanças metálicas que adaptavam na extremidade da frecha por meio de embiras, de um modo muito asseado e seguro; e na outra extremidade amarravam penas para guiar a frecha na sua trajetória.

Estas penas têm uma disposição bem digna de reparo: elas são dispostas em forma de hélice na haste da frecha, de maneira a lhe imprimir na sua trajetória um movimento de rotação sôbre seu próprio eixo...

Mal sabia sem dúvida o autor das carabinas *Miniés*, armas tão gabadas pelo grande aperfeiçoamento que se deu ao projétil, imprimindo-lhe êste mesmo movimento de rotação sôbre o seu eixo longitudinal, que os índios da América já tinham descoberto êste tão notável aperfeiçoamento na arte de dirigir e regularizar a marcha dos projetis em sua trajetória, e que há bastante anos que dêle usavam.

Depois que fiz esta observação, tenho visto grande número de frechas aparelhadas com penas, e tôdas têm a mesma disposição.

Perguntando a um índio que aparelhava frechas na minha presença a razão desta disposição, e porque motivo não deitava as penas paralelamente ao eixo, respondeu-me que esta disposição era necessária para que elas se não desviassem da direção que se lhes dava.

XIX — Ticum ou tucum (Bactres Setosa, Marb.) é uma espécie de palmeira, de cujas fôlhas se extrai ótima fibra. Caroá, coroá ou cruá (Neoglaziovia variegata, Arr. Cam., Mez.) é uma bromeliácea cujas fibras podem substituir as do cânhamo, da juta, e do linho. — M. S. A.

Esta observação me foi feita em 1848, quando ainda não tinha notícia das tais carabinas, as quais, alguns anos depois, me vieram dar a explicação do motivo que leva os índios a amarrarem as penas diretrizes de suas frechas em forma de hélice. (1)

Algumas tribos tinham por costume envenenar a ponta da zagaia de maneira que tôda a ferida que por ela era feita tornava-se mortal. Outras usavam de piques de madeira dura tostada e aguçada nas duas extremidades, e algumas vêzes com dentes entalhados.

Usavam também da clava mais ou menos comprida, e feita de madeira durissima com dois gumes, da qual serviam-se com uma destreza tal, que quase todos os seus golpes eram mortais. Os arcos eram tão fortes que alguns, para armá-los, deitavam-se de costas, retinham o arco com os pés e a corda com as mãos e assim lançavam a frecha para o ar, onde ela descrevia uma curva e ia cair quase sempre no ponto de mira. (XX)

Outras tribos que se entregavam à agricultura cultivavam a mandioca, com que faziam massa ou farinha, e com os sucos desta raiz, bebidas fermentadas; o mesmo praticavam com o caju e outras frutas que deitavam a fermentar, e depois bebiam com excesso. Cultivavam igualmente a banana e certas raízes alimentícias, que variavam conforme as localidades

Suas povoações compunham-se de cabanas feitas de ramagens ou de fôlhas de certas palmeiras, reunidas em aldeia. umas vêzes cercadas de espécies de muralhas de terra ou madeira em estacada, outras vêzes com fossos, a fim de por tal forma deter os inimigos da tribo, que continuamente andavam na diligência de surpreender ou queimar êstes povoados.

Cada tribo tinha seu chefe, que era um dos anciãos e o mais valoroso, o qual a conduzia à guerra. Trazia alguns distintivos da sua dignidade, e a respectiva autoridade em tempo de paz era mui limitada.

Sustentavam-se de mandioca, e de outras raízes produzidas pelos lugares onde residiam, assim como do produto da pesca e da caça, conforme as localidades. As mulheres é que tratavam da cultura destas plantas, e da sua preparação; elas faziam farinha para provisão nas suas expedições de guerra ou caça. e arranjavam certas bebidas

---

1 — Foi justamente esta observação feita sôbre as frechas dos índios que induziu o inventor das supraditas armas a ralar-lhes o cano em forma de hélice, a fim de dar ao projétil um movimento de rotação sôbre o seu próprio eixo, diminuindo, assim, a resistência do ar e os desvios laterais do projétil, imprimindo a êste maior velocidade, e tornando o tiro por conseguinte, mais certeiro e eficaz. — Théberge.

XX — Cruz Filho, em sua obra **História do Ceará** (Comp. Melhoramentos de S. Paulo, 1931, pág. 36) e Rocha Pombo, em sua monumental **História do Brasil**, publicam uma estampa mostrando um índio usando o arco na posição mencionada pelo Dr. Pedro Théberge. Não há, porém, notícia de que os nossos indígenas procedessem de maneira idêntica na caça ou na guerra. — M. S. A.

fermentadas com os sucos reduzidos das mesmas plantas; os homens só se ocupavam da caça e da guerra.

As bebidas fermentadas eram conservadas em grandes vasilhas de barro, grosseiramente fabricadas. Na Serra da Ibiapaba vi num êrmo, em cima da chapada, uma grande reunião destas vasilhas, que evidentemente foram os índios, porque achavam-se num lugar onde os colonos não haviam ainda penetrado, e com o qual hoje mesmo não há muita comunicação, por causa da falta absoluta d'água naquela localidade. Notava-se ali amontoado um grande número delas, de formas diversas e de maior ou menor capacidade, em geral mui grosseiramente fabricadas e de um grande pêso, mas muito bem cozidas.

Ainda hoje existem no mesmo lugar muitas, que não se podem extrair por causa do seu grande pêso, e da descida da Serra, que não permite transportá-las; os moradores do Cococi, porém, têm trazido para suas casas as mais maneiras, e vi muitas que servem de banheiros.

Em outras muitas partes têm-se encontrado, em lugares novamente explorados, coleções destas vasilhas. (XXI) Nos Unhamuns, perto do lugar onde são elas achadas, vêem-se, num saco da Serra, os vestígios de uma aldeia fortificada, formada tôda em roda pelas talhadas, (2) que já descrevi; e na sua entrada, que não tem dez passos de largura, existe uma muralha de grossas madeiras que revela os restos de uma estacada; no recinto encontram-se caveiras já muito antigas, cujas formas me deram a conhecer claramente que eram de índios.

Neste campo fortificado ainda se depara com estacas isoladas, no tôpo das quais se acharam crânios humanos.

Para cortar as árvores e aprontá-las, usavam de machados duros de pedra durissima, de natureza silicosa, composta de granulações de um verde escuro, unidas por cimento também silicioso. Fiz aquisição de dois dêstes machados, sendo as pedras dêles da natureza dessas a que o vulgo chama de *corisco*. Uma tem de cunha, com um chanfro coliforme na sua extremidade grossa; e para com ela formarem o machado, rachavam um pedaço de pau, e na rachadura adaptavam o colo dela, apertando em seguida com cipós as duas partes dessa rachadura, adiante e atrás da pedra, de maneira que assim ficava ela muito segura neste cabo. Esta pedra cuneiforme tem perto de um palmo de comprimento. A outra, como a primeira, é uma espécie de jade, mas tem uma configuração muito diversa: é um crescente cuja convexidade forma o gume, e a concavidade as costas grossas do machado. Da parte central da concavidade parte um toco

---

XXI — Assinale-se que o Instituto do Ceará possui uma belíssima coleção de objetos indígenas, alguns de grande vetustez, procedentes das mais variadas regiões do Estado. É ela, depois da pertencente ao Museu Goeldi, de Belém, a mais rica e variada do Norte e do Nordeste do País, sem nenhuma dúvida. — M. S. A.

2 — Talhadas que se acham descritas pelo autor na corografia da província, que está ainda inédita. — H. Théberge.

talhado também em forma de garganta, o qual serve para a colocação de um cabo como no precedente. (3)

Além dêstes machados, adquiri outras pedras da mesma qualidade mas de formas variadas; as quais sendo em geral pequenas, me parecem mais próprias para enfeites ou distintivos do que para outros quaisquer usos.

Os índios moradores na costa do mar entregavam-se à pescaria em jangadas, feitas de peças de pau mui leve ligadas entre si; também usavam de canoas de madeira.

Já disse que os Tapuias eram menos propensos à antropofagia do que os índios de raça Túpica; mas não se deve tomar esta proposição num sentido geral. Êles também por vêzes comiam seus inimigos, depois de os tratar o melhor que podiam durante seu cativero, a fim de os engordar, chegando a dar-lhes mulheres para seu uso durante êste tempo.

Os índios do litoral traficavam muito com os estrangeiros, e particularmente com os franceses, cujos navios vinham carregar âmbar que abundava nas costas, pau-brasil e violete muito comuns naquele tempo em todo o litoral do Ceará.

Os franceses tinham merecido a confiança dos indígenas pela lealdade que observavam para com êles nas suas relações; e isto a tal ponto que nunca os matavam. Os portuguêses, sabedores da amizade que os índios consagravam aos franceses, quando eram por êles capturados, diziam-se pertencer a esta nação; então êles, não obstante o ódio que lhes dedicavam, poupavam-nos, conhecendo mesmo o engano; mas, antes queriam enganar-se do que correr o risco de faltar à fé que deviam aos súditos franceses; atendiam ao reclamo em atenção à estima que tinham à nacionalidade reclamada.

Todos os indígenas tinham primitivamente um horror execrando a tôda e qualquer espécie de sujeição, e sobretudo ao trabalho. Entregavam-se com prazer à guerra, à caça e à pescaria; todo o trabalho doméstico era executado pelas mulheres. A transição repentina da ociosidade, a mais completa, ao trabalho rigoroso e forçado, que os colonos dêles exigiam, quando aldeados, foi, a meu ver, uma das principais causas da extinção completa da raça indígena. (XXII) Em menos de dois séculos desapareceram êstes miseráveis da face do Brasil, sua pátria.

Por vêzes me tenho encontrado com índios no estado vagabundo pelo interior das florestas, e sempre lhes achei a cútis das mãos fina, macia e isenta de calosidades, como as das pessoas que não trabalham. Algumas vêzes são chamados pelos moradores das vizinhanças para trabalhar em roças ou outros serviços manuais; com poucos

3 — Os dois machados supracitados acham-se hoje em poder de S. M. o Imperador, a quem, depois da morte de meu pai, fiz presente, assim como dois arcos de índios com as respectivas frechas. — H. Hhéberge.

XXII — Já vimos que a miscigenação com os portuguêses e, em menor escala, com os negros foi, em grande parte, responsável por essa extinção. — M. S. A.

dias não podem continuar, em razão dos estragos que resultam de sua falta de hábito do trabalho.

Como as crônicas que tratam dos índios se acham recheadas de belas e freqüentemente inexatas descrições de seus costumes, aqui rematarei o que tinha que dizer sôbre êste assunto, a fim de evitar o escolho, para o qual os outros se deixaram levar. (XXIII)

XXIII — Sôbre os costumes dos índios do Ceará ver, além da bibliografia já citada, o capitulo intitulado "Habitantes Primitivos" dos **Estudos de História do Ceará**, de J. Catunda (Tipo-litografia Gadelha, Fortaleza, 1919, 2.ª edição), escrito em linguagem candente e pessimista. Ver ainda, os capitulos "A Pré-história" da **Pequena História do Ceará**, de Raimundo Girão (Editôra A. Batista Fontenele, Fortaleza, 1953) e "Etnografia Indígena" da **História do Ceará**, de Cruz Filho (Comp. Melhoramentos, S. Paulo, 1931). — M. S. A.